

ARGUMENTO PARA ROTEIRO

LONGA METRAGEM

GUERRA SUJA

(REGISTRO BN 491.231)

RENATO JEVOUX

Esta é uma história sobre violência. Ela conta o drama de uma jovem que teve o seu destino marcado pela escalada de violência iniciada pela ditadura militar brasileira no final dos anos 60. Violência que penetrou no dia-a-dia da sociedade, espalhando dissensão e medo. Violência que persiste, com múltiplas faces, mesmo após o fim da ditadura militar.

O eixo central da ação se passa na década de 90, na cidade de São Paulo. A ficção é contextualizada por fatos reais. A narrativa é pontuada por seqüências que reconstituem passagens da história recente do Brasil, ou que mostram a ação da Polícia Militar na repressão ao crime comum, em episódios que foram amplamente noticiados e que chocaram a opinião pública.

No primeiro caso se enquadram as reuniões e as ações da Comissão Especial criada pela lei 9140/95, que trata da reparação moral de pessoas mortas por motivos políticos no período de 1964 a 1979. No segundo, figura a ação violenta das equipes das Rondas Ostensivas Tobias Aguiar (ROTA), em especial no episódio da favela Naval, São Paulo, em março de 1997, que resultou em assassinato e em agressões generalizadas a inocentes.

Essas referências apontam para a localização da ação principal em meados da década de 90. No entanto, não haverá rigorosa observação de datas. A narrativa também será marcada pela intercalação de cenas de filmes que tiveram seu lançamento nesta mesma década. Exemplo: *Lamarca* (1994); *O que é isso companheiro* (1997); e *Marighella, retrato falado do guerrilheiro* (1999).

Brasília, 1996. O general Oswaldo Gomes toma a palavra na reunião da Comissão Especial criada pela lei 9140/95, para lembrar aos participantes que qualquer tentativa de ampliação da abrangência dessa lei não terá sucesso e será considerada como revanchismo. Argumenta que todas as emendas nesse sentido foram derrubadas, porque o governo negociou um limite... “e esse limite tem que ser respeitado...”

São Paulo, 1996. Patrícia lê o jornal debruçada sobre a mesa de jantar da sala de sua casa, em um bairro de classe média da cidade de São Paulo. No sofá, de pijamas, levemente encolhido, próximo de posição fetal, está André, pai de Patrícia, de olhos abertos mas alheio a tudo. O som é ainda o da sequência anterior. Em resposta ao general, fala outro integrante da Comissão, em off. Defende a necessidade de rever conceitos e incorporar casos de mortes decorrentes da generalizada violência provocada pela ditadura... incluindo pessoas que se suicidaram ou que apresentam profundas seqüelas físicas ou psicológicas em decorrência das torturas sofridas..., o som off vai baixando... De repente Patrícia arremessa longe o jornal e reclama dos editoriais que repetem aquela cantilena sobre revanchismos e riscos de volta a um passado sem controle: “ameaças, ameaças e ameaças...”

Patrícia tem 24 anos, é estudante de jornalismo, filha de André, ex-militante de um partido clandestino que enfrentou a ditadura militar no final da década de 60 e início da de 70, a Ação Libertadora Nacional (ALN). Ele foi preso e torturado em 1972. Em seguida, já em 1973, a ALN foi aniquilada. Sobre a prisão de André restou uma dúvida: teria ele delatado os companheiros? Alguns afirmam que sim, outros não acreditam nessa hipótese.

Patrícia se levanta e vai até o pai, que continua alheio ao que acontece na sala. Ela acaricia os cabelos dele e pergunta, mais afirmando que perguntado, se ele traiu os companheiros: você não entregou ninguém, não é papai? Fala, por favor, eu preciso saber! O tom é carinhoso, mas é também incisivo, o que revela a obsessão de Patrícia por essa questão.

André fecha os olhos. A tela fica escura. Traços de lembranças das sessões de tortura que sofreu voltam à mente de André em flashes intercalados à tela escura (essas imagens são em preto e branco; ou em sépia). Os flashes são acompanhados de perguntas de interrogatório. Destaca-se a expressão: fale, eu preciso saber!

Dos flashes de lembrança de André, a tela passa a mostrar cenas do filme *Lamarca* (uma sequência que mostra tortura, e portanto que se mistura com os flashes de lembrança de André; em

seguida, outros planos revelam que se trata da exibição de um filme em um cinema, e qual é o filme). Patrícia (mais jovem) está no cinema com Márcio, seu namorado. Sua atenção é total à tela.

Márcio e Patrícia saem do cinema e vão conversar em um bar. A cena se passa em 1992, Patrícia, mais jovem, acaba de entrar para a faculdade de jornalismo. Discutem o filme. Falam de planos para o futuro. Ela se mostra entusiasmada com a possibilidade de uma atuação política na universidade, seguindo os passos do pai, cuja opção pela luta por uma transformação revolucionária da sociedade ela admira. As idéias de Márcio se chocam com as de Patrícia. Ele questiona a eficácia da luta política. Acha que é muito difícil mudar a sociedade como um todo; acha que é preciso mudar o indivíduo... Sem ser um alienado, Márcio enquadra-se mais no perfil típico do jovem brasileiro dos anos 90: é hedonista, aproxima-se do anarquismo e tende ao niilismo (o diálogo reflete esse choque entre tipos diferentes presentes na década de 90).

O desenvolvimento da história vai mostrar o afastamento de Márcio e Patrícia. Ela cada vez mais engajada politicamente e ele buscando prazeres com o esporte (surfe), festas e amigos. Ele sempre a convida. Ela nunca pode, está sempre com a agenda cheia de compromissos com a militância no movimento estudantil.

Márcio é um rapaz bonito, atraente. É brilhante no que faz. É prático, não um intelectual. Tem uma postura radiante e positiva com relação à vida e uma forte energia criativa. Mas ele não é um santo. Suas insatisfações e impulsos de contestação são por vezes canalizados para ações que infringem a lei. Ele se envolve com drogas e conhece o submundo do crime. Patrícia sempre gostou muito dele. Foi seu primeiro amor, sua primeira transa. Ela ainda o ama, mas eles vão se separar.

Patrícia conhece Fernando. Estudante de história e militante organizado em um partido trotskista. Eles passam a namorar. Sua vida de militante combina mais com a de Fernando.

Mas Márcio não some completamente. Ele sempre volta a procurar Patrícia. E eles acabam formando um estranho triângulo – Patrícia, Fernando e ele – com uma forte tensão entre os vértices masculinos, mas que se sustenta pela força aglutinadora do feminino.

O tempo passa. Um dia, Márcio convence Patrícia e Fernando a acompanhá-lo à favela Naval, onde ele tem um encontro com um ‘amigo’ traficante. Ele vai comprar maconha. Patrícia e Fernando observam o movimento na favela, o poder do tráfico, as armas, a violência latente. Os três entram na boca de fumo. Lá dentro, em meio a utensílios que ajudam a preparação da mercadoria para venda, percebe-se um aparelho de rádio amador, que, sintonizado na frequência da polícia, permite aos traficantes acompanhar sua movimentação e se precaver contra batidas e incursões.

De volta à sua casa, Patrícia encontra o pai em frente à televisão. Olhos perdidos, sem dar atenção às imagens que iluminam seu rosto. Patrícia está acariciando o rosto do pai quando sua mãe, dona Laura, entra e lhe diz para deixar o pai em paz, para acabar com aquele interrogatório infundável, para esquecer aquilo de uma vez. Começa uma discussão que parece ser a repetição de anteriores. Patrícia diz que não estava fazendo nada, mas que não abandona a idéia de provar que o pai não traiu seus companheiros. Dona Laura repete que ela deve esquecer: todos já esqueceram, largue disso! Esqueça isso! Patrícia responde: é por isso, todos esqueceram, por isso que eu não vou esquecer! Patrícia sai batendo portas.

Dona Laura era militante como o marido. Mas ela não caiu. Quando André foi preso ela estava grávida de Patrícia. Seus pais providenciaram sua viagem para o exterior, à sua revelia. Retornou ao Brasil quando soube que André havia sido solto. Ele estava muito debilitado, sofrera muito com torturas, mas ainda estava lúcido e interagiu com as pessoas. Com o tempo, ele iria se retrair por completo, ficando aparentemente alheio a tudo e a todos.

No exterior, dona Laura completou seus estudos. Formou-se em ciência política, na Sorbone. Criou Patrícia sozinha até os cinco anos. Ao retornar ao Brasil, reencontrou antigos amigos de militância e engajou-se na luta por anistia.

Nas reuniões em sua casa as conversas giravam sempre em torno de estratégias para a luta pela anistia, por liberdades democráticas; trocavam-se informações sobre companheiros, uns mortos, outros marcados pela tortura. Frequentemente os amigos tentavam conseguir informações

de André. Ele relutava, mas um dia revelou o nome de seu torturador. Patrícia acompanhava tudo e aquele nome ficou marcado em sua lembrança. André sempre se retraía nessas ocasiões. Logo se retirava para o quarto. De lá podia ouvir a conversa na sala... deitado, com olhos vidrados, percebendo comentários sobre sua conduta na prisão.

Com o passar do tempo, as conquistas democráticas, mesmo que limitadas, acabaram dispersando os amigos. A ‘abertura lenta e gradual’ fazia o seu trabalho... Os canais de representação foram restabelecidos, os sindicatos, as associações de classe, os partidos políticos... Não havia mais a contraposição aglutinadora de antes. Governos civis foram eleitos. Dona Laura agora trabalha para o governo de Fernando Henrique Cardoso.

André fechou-se completamente para o mundo exterior. Os detalhes sobre sua prisão pareciam perdidos para sempre, fechados numa mente atormentada. Teria ele traído os companheiros?

Patrícia foi criada neste clima de dúvida. Mas nutre a convicção de que o pai não traiu. Ela se orgulha dele, de sua opção de luta política pelos humildes. Busca reafirmar a imagem de pai herói. Tenta seguir seus passos. Por isso, optou pelo tema “Violência Policial” para a sua monografia de conclusão do curso de jornalismo. Sua tese principal é que não houve o desmantelamento do aparato repressivo da ditadura e que a violência contra os excluídos, os cidadãos de segunda categoria, é a mesma que outrora se voltou contra aqueles que lutavam por ideais de liberdade. Os jornais fazem uma cobertura falha da ação da Polícia Militar. As omissões trazem implicações quanto à formação da opinião pública, que acaba sendo permissiva diante de um processo de institucionalização da violência. Uma séria investigação poderia apontar a semelhança dos métodos e comprovar a permanência de matadores e torturadores da época da ditadura nos efetivos da polícia, o que poderia fortalecer a luta por reparação que os parentes de vítimas da ditadura levam adiante.

Para ajudar em suas pesquisas, Patrícia instalou no sótão de sua casa, com a ajuda de Márcio, um rádio amador alterado para alcançar a frequência de comunicação da polícia, um rádio como aquele que eles viram na boca, na favela Naval. Este recurso permite que ela monitore os movimentos das patrulhas e conheça seu linguajar, usos e abusos ... O que ela mais deseja é flagrar um delito, um crime policial, comparar com a cobertura dos jornais e usar os resultados em sua monografia.

No sótão da casa de Patrícia, na penumbra, à noite, ouve-se o chiado de um rádio que parece mal sintonizado. As vozes entrecortadas anunciam o início da perseguição da polícia a um fusca azul ocupado por três jovens. A sirene e os ruídos das manobras da Veraneio cinza se misturam com as orientações trocadas pelos integrantes das equipes da ROTA que participam da ação. Patrícia redobra a atenção. Papéis espalhados na mesa, lápis na mão, ela faz anotações e acompanha excitada a ação da polícia.

A tela passa a mostrar a perseguição. Várias unidades da ROTA estão envolvidas. A truculência das manobras, com seus ruídos e luzes, é acompanhada pelo diálogo áspero que transita pela frequência da polícia. A perseguição prossegue até que os jovens são encurralados. Eles descem, com as mãos para o alto... Os integrantes da ROTA 66 executam todos ali mesmo. Em seguida eles desfazem a cena do crime... Os diálogos na frequência da polícia deixam claro a Patrícia que os jovens não tiveram nenhuma chance, ela pôde perceber tudo o que aconteceu. [Essa sequência será inspirada, ou reproduzirá fielmente a narrativa do jornalista Caco Barcellos no livro *Rota 66, A história da polícia que mata*; serão realizadas entrevistas com o autor para apoiar a preparação do roteiro].

Brasília. Um dos integrantes da Comissão Especial criada pela lei 9140/95 relata o caso de assassinato de um militante de esquerda, morto quando estava sob responsabilidade de agentes do Dops, comandados pelo delegado Sérgio Fleury. O relator conta como foram executados. Conta que a autópsia desmente a versão de que eles reagiram atirando... Enquanto o relato prossegue, a tela

passa a mostrar cenas de peritos, em atividade solicitada pela Comissão Especial (o relator está presente), reconstituindo o crime, tomando por base informações técnicas de autópsia e balística. Um homem é colocado de joelhos, braços para o alto... ele é cercado por outros, imobilizado, mãos algemadas... em seguida é executado, com um tiro na nuca. A voz do general Oswaldo Gomes protestando contra o relato é o que acompanha os planos finais da sequência, ele afirma: “havia uma guerra de fato e de direito, não existiam regras... era matar ou morrer.” [esta e outras seqüências relacionadas à Comissão Especial serão inspiradas nos relatos do livro *Dos filhos deste solo*, de Nilmário Miranda e Carlos Tibúrcio; serão realizadas entrevistas com os autores para apoiar a preparação do roteiro].

A ação passa a ser em tempo real. Não é mais um fato relatado, ou uma reconstituição. Os personagens agora são reais. A tela mostra o episódio (a dramatização) como ocorreu. [três níveis de narrativa: o discurso do relator; a reconstituição feita por técnicos; e o fato encenado pelo cinema.]

No momento em que vai haver a execução, com o tiro na nuca, a imagem passa a ser em preto e branco (ou em sépia) e André aparece no lugar do homem que está de joelhos e imobilizado. Ele está preso; em meio a uma simulação de execução. O torturador puxa o gatilho... e a pistola não dispara.

André acorda sobressaltado. Ele está na cama, em sua casa (imagens coloridas). Está ofegante. É noite e Laura dorme tranqüilamente ao seu lado.

No dia seguinte, Patrícia folheia os jornais na sala de jantar de sua casa. Procura nas editorias de polícia a cobertura dos fatos que acompanhou à noite. Comenta as notícias. Parece satisfeita, comprovando que a cobertura foi burocrática, seguindo somente os boletins de ocorrência preenchidos pelos policiais. Na sala com Patrícia, somente André, impassível.

Patrícia vai continuar suas vigílias, acompanhando a ação da polícia. Às vezes junto com Fernando, outras com Márcio, ou ainda com os dois. Numa dessas ocasiões ela ouve um nome que

reconhece, que bate forte em sua mente, reavivando histórias do passado, gravadas em sua memória. Era o codinome do torturador de seu pai.

A partir de então, ela se envolve mais e mais, intensificando suas investigações, pois imagina ter a oportunidade de provar, de uma vez por todas, que seu pai não é um traidor.

Patrícia pede a Márcio para tentar obter informações sobre o torturador de André com os contatos que ele tem com a bandidagem. Márcio descobre que o torturador é um policial que chefiava um grupo de extermínio. Descobre também que os policiais desse esquadrão tinham estreita ligação com os traficantes da favela Naval. Mas o líder dos traficantes havia morrido em confronto com um bando rival e seu sucessor decidiu romper com os policiais.

Em reação a esse rompimento, os policiais resolvem apertar o cerco sobre a favela. Tentando retomar o controle, começam a promover blitzes com o objetivo de infernizar a vida dos moradores da favela e tentar impedir o prosseguimento dos negócios dos traficantes. Queriam, em última instância, eliminar o atual líder dos bandidos.

Patrícia, Márcio e Fernando passam então a acompanhar os movimentos na Favela Naval. Revezam-se na escuta do rádio amador e nas visitas à periferia da favela. Frequentam bares, biroskas; observando o movimento, interessados em flagrar uma blitz em curso.

Numa dessas ocasiões, Márcio e Fernando percebem a movimentação de policiais, preparando uma blitz. Os dois estavam aguardando em um bar, travando o áspero diálogo que é uma constante entre eles. O debate acalorado é interrompido, e os dois voltam sua atenção para a faina dos policiais. Os policiais vão posicionando viaturas, bloqueando faixas de rodagem na rua... começam a parar motoqueiros, pedem documentos, exibem armas pesadas... Márcio e Fernando notam também a movimentação de olheiros do tráfico... O clima começa a ficar tenso... O dono do bar em que eles estão comenta: é gente do Magnata, isso tá insuportável; e para eles: vocês são estranhos aqui; são da imprensa? Começa então uma conversa que traz algumas pistas que podem levar a

revelações sobre o torturador de André. O diálogo se passa em off, enquanto as imagens mostram a atividade da polícia, armas, brutalidade, propinas...

A tela passa a mostrar uma emboscada feita por policiais militares, comandados de Fleury, em 1972. André e outro companheiro vão buscar um Corcel ‘expropriado’ que haviam deixado na Alameda Campinas. [trecho de narrativa retirado do livro *Dos filhos desse solo*, caso de Luiz Fogaça Balboni] “O Corcel estava apertado entre dois carros, quase sem espaço para manobrar. Foi André quem percebeu o homem sacar a arma, a alguns metros de distância, ao lado de outros homens também armados: ‘Vamos embora, olha o cara lá no prédio, isso é uma emboscada’, gritou...” As cenas mostram a perseguição e em seguida a morte do companheiro de André e a prisão dele. [a sequência reproduzirá ou será inspirada na narrativa do livro *Dos filhos desse solo*]

Da sequência da queda de André, a tela passa a mostrar cenas do filme *Marighella, retrato falado do guerrilheiro* (ou *O que é isso companheiro*, uma sequência que mostra uma emboscada, e portanto que se mistura com as cenas da queda de André; em seguida, outros planos revelam que se trata da exibição de um filme em um cinema, e qual é o filme / mesmo recurso utilizado anteriormente). Patrícia está no cinema com Fernando. Sua atenção é total à tela.

Patrícia e Fernando saem do cinema e vão conversar em um bar. Discutem o filme. Há grande afinidade e concordância entre os dois, diferente do que aconteceu no diálogo com Márcio anos antes. Fernando conta sobre a blitz que ele e Márcio presenciaram na periferia da favela Naval. Os dois decidem preparar uma campana para gravar imagens, registrar a violência e, quem sabe, denunciar.

Márcio volta sozinho ao bar de onde ele e Fernando acompanharam a blitz. Ele conversa de novo com o dono do bar e consegue o nome de um antigo policial que serviu com o torturador de André. Sai à procura desse contato.

De volta à casa de Patrícia, Márcio é recebido com má vontade e antipatia por dona Laura. Márcio bate à porta. Dona Laura atende, mas não o convida a entrar. Ela não consegue entender

aquele triângulo... Na casa já está Fernando, que aguarda Patrícia, ausente naquele momento. Os ânimos estão acirrados entre Márcio e Fernando, pois em cena anterior Fernando flagrou Patrícia beijando Márcio, uma recaída, um retorno de carinhos passados, algo ainda não resolvido. Dona Laura não gosta de nenhum dos dois. Ela considera o Márcio um desocupado, um desajustado, que não serve para sua filha. E Fernando é um militante político, isso a faz lembrar das dificuldades passadas ao lado do marido. Um passado que agora ela quer ver à distância.

Márcio entra e encontra Fernando no sótão da casa, o quartel general de Patrícia. Depois de um áspero diálogo, Márcio revela o que descobriu na conversa com o dono do bar e depois com o antigo subordinado do torturador de André: eu falei com ele sobre o Magnata (codinome do torturador) [Patrícia, que acabara de chegar e estava acompanhando a conversa sem que os dois soubessem, redobra a atenção], ele me passou o contato de um policial aposentado, que tava na ativa no tempo da repressão. O cara dá pena. Tá arrasado. Um bagaço cuspidor fora. Ele era parceiro do Magnata. Fez muita maldade também. Me contou tudo, com detalhes... aqueles mesmos detalhes que a Patrícia faz questão de não esquecer... A noite... os gritos... os choques... a coroa de Cristo... o pau-de-arara... o cubículo com água... E mais aquilo que ela nunca quis acreditar... a lista... os nomes... Patrícia interrompe e exige que Márcio conte como chegou àquele contato; que repita e confirme tudo. Ela fica desolada com as revelações de Márcio.

A partir desta descoberta, Patrícia não aceita perdoar o pai e passa a condená-lo agressivamente. Humilhando e renegando-o, ela revela uma face extremamente violenta e faz ruir a já frágil paz doméstica.

Num desses ataques de violência com o pai, Patrícia acaba provocando uma reação inesperada, surpreendente. André, levado a um extremo de angústia e ansiedade, reage pela primeira vez em muitos anos. Responde com violência à filha. Gritando, pedindo que o deixe em paz, ele pega Patrícia pelos pulsos e força seus braços com tanta força que ela é obrigada a ajoelhar-se.

Da imagem das mãos de André segurando os pulsos de Patrícia, a tela vai passar a mostrar as mãos de André segurando barras de uma prisão. Junto com outros presos ele protesta contra a remoção de um companheiro que já está completamente exaurido pelas sessões de tortura. O carcereiro leva um jornal nas mãos. E grita, como se estivesse lendo uma notícia: Esse fulano aqui, fugiu ontem. Tá aqui no jornal. Foi levado pelo Fleury pra reconhecer o Toledo (sucessor de Marighella) e se aproveitou da confusão da prisão e morte dele e fugiu com dois outros terroristas... Desapareceu! [História da morte de Bacuri, uma morte anunciada, livro *Dos filhos deste solo*]

A tela fica toda escura por alguns segundos.

A tela continua escura enquanto se houve a voz em off de um relator da Comissão Especial. Ele trata do caso de Bacuri. O relator conta os requintes de violência a que ele foi submetido. Fala sobre como os companheiros de prisão reagiram quando perceberam que a notícia do jornal era na verdade uma sentença de morte. As imagens da Comissão são mostradas logo em seguida ao começo da fala do relator. Um militar, um assessor presente à reunião, afirma que nunca houve apoio à tortura, a torturadores psicopatas, mas que sempre se objetivou métodos eficazes para defesa do país. Como resultado o terrorismo foi aniquilado. Se assim não fosse, teríamos o terrorismo até hoje. [declarações publicadas no livro *A ditadura escancarada*, de Elio Gaspari]

Patrícia e Fernando estão em um bar. Chega Márcio. Ele confirma que conseguiu alugar um pequeno apartamento na periferia da favela Naval, com uma janela que avista exatamente o ponto em que os policiais costumam fazer a blitz. Combinam o começo da campana para o dia seguinte. Patrícia e Fernando planejam ir ao cinema em seguida. Patrícia convida Márcio a acompanhá-los. Márcio não aceita e vai embora.

Patrícia e Fernando estão no cinema. Assistem ao filme *O que é isso companheiro* (ou *Marighella, retrato falado do guerrilheiro*). A atenção de Patrícia é total à tela. (em um movimento inverso aos efetuados anteriormente, a imagem vai de Patrícia e Fernando, na platéia do cinema, para a tela, que mostra cenas de campana).

Patrícia, Fernando e Márcio estão no apartamento da campana. Têm câmera, binóculos e outros apetrechos. Restos de lanche estão espalhados pela mesa. A imagem mostra o que está sendo gravado pela câmera. Cenas de um anoitecer trivial na periferia da favela. Vê-se o olheiro do tráfico, os trabalhadores que saem e que chegam... O tempo passa. A noite cai. Eles conversam e decidem encerrar a vigília. Nada deve acontecer... mais um dia perdido. A campana já dura uma semana.

No dia seguinte, somente Patrícia e Fernando estão a postos. Márcio está atrasado. Os dois acompanham a chegada dos policiais. Eles chegam em grande número e parecem preparados para guerra. No comando da ação está o Magnata, o torturador. A atividade começa. Várias pessoas, trabalhadores e transeuntes, são abordadas pelos policiais. A violência começa gradativamente a aparecer e a se intensificar. O tempo passa. Márcio chega à rua. Cai nas mãos do Magnata e apanha muito. Lá do alto, Patrícia e Fernando têm a nítida impressão de que ele será morto. Vivem então o dilema de interromper ou não aquela sessão de violência. Discutem. Fernando quer intervir... Patrícia argumenta que todos serão mortos, pois seus motivos (a gravação e a denúncia) serão descobertos... Fernando concorda... Trocam de posição: Patrícia vê Márcio apanhar e desfalecer... levanta, decidida a intervir, mas é contida por Fernando... Os dois ficam paralisados e não conseguem esboçar um gesto em defesa do amigo. [serão utilizadas cenas do caso do policial ‘Rambo’, da Favela Naval, de março de 1997]

No enterro de Márcio, Patrícia tem os olhos vidrados como os do pai anteriormente. André se aproxima dela e a puxa para um abraço. Acaricia seus cabelos. Ela chora abraçada ao pai.

Vê-se a mão de Patrícia (o resto do corpo está fora de tela) digitando um texto, a princípio vacilante, depois mais decidida. A tela de computador mostra o texto que está sendo digitado:

Monografia de Encerramento do Curso de Comunicação Social

Universidade de São Paulo

A violência é uma porta aberta para o caos.

Não permite racionalização. Estraçalha limites, resistências...

“Nunca mais à escuridão e às trevas. Nunca mais ao medo e à ditadura.

Nunca mais à exclusão e à tortura. Nunca mais à morte. Um sim à vida!”

Cardeal Paulo Evaristo Arns

Aos meus pais, que desde cedo me ensinaram

o valor da liberdade e da dignidade humana.

A Fernando e a todas as pessoas que me incentivaram e que

de alguma forma contribuíram com este trabalho.

Em memória de Márcio,

morto em combate na guerra suja que permanece.

FIM